

Cultura e Educação nos Escritos de José Veríssimo: Apontamentos para a compreensão da discriminação e do preconceito étnico no Brasil

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva da Silva – UFPA

GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03

Agência Financiadora: CNPq

Caracterização do problema de pesquisa

Ao longo do século XX viveu-se no Brasil uma espécie de negação das diferenças étnicas que conformam o povo brasileiro e exclusão de grupos étnicos nativos e africanos do acesso a bens sociais, econômicos, educacionais e de cultura geral. Massacres a índios e o evidente descaso a condições miseráveis de vida de negros em espaços rurais e urbanos do território nacional são uma demonstração cabal dessa negação e exclusão que se complementam no jogo da discriminação e do preconceito alastrado no conjunto da sociedade brasileira por todos os anos de 1900, tanto na produção intelectual quanto no senso comum. A tentativa de mudança desse quadro vê-se acontecer no século que se inicia. As políticas públicas de inclusão do governo federal no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), do Ministério da Educação (MEC), são uma demonstração da tentativa de superação desses fenômenos. As ações afirmativas, decorrentes de movimentos sociais em defesa desses grupos, revelam um movimento contrário ao que se expandiu anteriormente.

Esse processo de negação e de exclusão pode ser analisado em diversas perspectivas. No caso específico deste estudo procuramos compreender a negação e a exclusão pela via da produção intelectual, de escritos políticos e literários emitidos por um escritor brasileiro cuja obra, produzida no final do século XIX e início do século XX, revelam compreensões sobre cultura e educação no Brasil que podem explicar os fenômenos da negação, da exclusão, da discriminação e do preconceito. Trata-se de José Veríssimo.

José Veríssimo é crítico e historiador literário, educador e jornalista, que nasceu em Óbidos, no Pará, morou no Rio de Janeiro e viveu de 1857 a 1916. José Veríssimo fundou o Museu Emílio Goeldi (no Pará), a Academia Brasileira de Letras, a Revista Brasileira e manteve diálogo constante com Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Araripe Júnior, Sílvio

Romero e Euclides da Cunha, entre outros. No Pará foi diretor da Instrução Pública (1880-91). No Rio de Janeiro foi professor e diretor da Escola Normal e do Ginásio Nacional. Por ocasião da reforma do sistema geral de ensino público de Benjamim Constante, fez análises críticas sobre as insuficiências da instrução pública, que teve grande repercussão nacional e acabou se constituindo em introdução da 2ª edição do livro “Educação Nacional”, escrito no Pará, em 1889. Na condição de escritor, sua obra se destaca pelas dimensões: sociológica, histórica, cultural e econômica da vida brasileira, especialmente da Amazônia. Constituiu, junto com Araripe Júnior e Silvio Romero, a trindade crítica da era naturalista, influenciada pelo evolucionismo e pela doutrina determinista de Taine, mas se destacava pelo pensamento filosófico e moral que lhe aproximavam ainda mais de uma crítica de educador.¹

José Veríssimo produziu escritos em defesa de uma cultura nacional brasileira. Trata-se de um crítico literário profundamente preocupado com a questão da educação.² Ele articula cultura e educação em meio à possibilidade desta última “eliminar” as heranças genéticas das etnias negras e índias que, para ele, inviabilizavam o progresso e o desenvolvimento da sociedade brasileira.³ Na condição de jornalista e homem do sistema público, José Veríssimo pensava e colocava em prática idéias. Mas são raros, no campo da educação, os estudos sobre sua obra e sua importância na história social e educacional do Brasil, apesar de seu pensamento explicar as práticas de negação e exclusão que têm como base a discriminação e o preconceito. Os escritos de Veríssimo nos fazem entender as origens dessas práticas, os referenciais teóricos que as fundamentam e dar a conhecer a história que nos faz ser o que somos hoje, o que defendemos e para onde caminhamos. A intenção desse estudo se coloca, então, como mais uma possibilidade de auto-reflexão, de auto-conhecimento, de auto-crítica e, como tal, capaz de ajudar a pensar sobre ações políticas para o Brasil no campo da educação e da cultura.

Metodologia e estratégias de ação

¹ Cf. José Veríssimo, em: <http://www.bn.br> ou <http://www.academia.org.br>

² Cf. FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque & BRITTO, Jader de Medeiros (Org.). **Dicionário de educadores no Brasil**: da colônia aos nossos dias. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ/MEC-Inep, 1999.

³ Essas idéias encontram-se fortemente presentes no livro “Educação Nacional” (1889) e, possivelmente, devem aparecer em outras obras do autor, principalmente as referentes à Amazônia.

O *corpus* para análise será formado pelos enunciados dos textos-escritos de José Veríssimo. Estamos tratando esses escritos como discursos. A intenção é compreender *o que dizem* esses textos ao articularem cultura e educação: as idéias que emergem; as expressões correntes e freqüentes; as idéias as quais se contrapõem; as idéias que referenda, as que critica e as citações as quais recorre para se explicar. O texto é sempre composto de outros textos, portanto, guarda um caráter heterogêneo, inter e contextual. Isto significa admitir que os textos do autor estão sendo “tomados” por nós como uma compreensão da compreensão que tivera das “estruturas de sentimento”⁴ de seu tempo, ou seja, da realidade imediata da razão e da emoção. Assim, o texto, como nos orienta Bakhtin (1992, p. 329), está sendo apreendido como: *pensamentos sobre pensamentos, uma emoção sobre a emoção, palavras sobre as palavras, textos sobre os textos.*

Com base nos fundamentos teóricos da linguagem de Bakhtin estamos abstraindo os *arquivos* que os textos de José Veríssimo guardam; as *vozes* que ecoam. Como diz Bakhtin o texto, na condição de discurso, é sempre o discurso do *outro*, ou é sempre *discurso citado*. Essas vozes contidas nos discursos são o que Bakhtin chama do *discurso citado*, que é: *o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação* (Ibidem, p. 144) – eis aqui o *caráter polifônico* do discurso. A análise que faremos, deverá então dizer quais são essas vozes que estão no discurso citado, quais temas elas colocam em pauta.

Com o fito de darmos conta dessa perspectiva analítica, atentaremos para o *comentário efetivo* e a *réplica*. Estas são formas as quais o autor do discurso recorre para compor sua narrativa. *Discurso citado* (interações dialógicas) e *contexto narrativo* (exterioridade, condições históricas de produção do discurso) são constituídos por meio do *comentário efetivo* e da *réplica*, que aparecem de maneira dinâmica, complexa e tensa no

⁴ Cunhado de Raymond Williams (1921-1988), *Estrutura de Sentimento* significa o *sinal dos tempos*. É a ligação que há entre as alterações contidas nos produtos culturais, a ponto de provocar modificações na sua tradição, e a própria organização social. Para Williams todas as mudanças ocorridas nos produtos culturais, na forma de estilo, tendência, corrente, modelo etc é sempre social e decorrente de respostas a mudanças objetivas. As mudanças nos produtos nunca são resultantes de uma experiência pessoal ou características de um grupo, mas de uma forma comum de reagir ao *modo de vida*. A experiência é sempre social e material e acontece em bloco, em conjunto, *em comum*. Todos nascemos em uma Estrutura de Sentimento a qual temos que suportar, com seu modo de viver local e com um modelo discursivo de política cultural. Nesse sentido, as idéias do autor serão analisadas em articulação com os acontecimentos de seus tempos, em resposta aos modos de vida nele impregnados. (Cf. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*). São Paulo: Editora Nacional, 1969)

conjunto do texto discursivo. À relação entre *discurso citado* e *contexto narrativo* Bakhtin chama de *dialogismo*.

Em síntese, Bakhtin destaca *quatro vozes* no enunciado: a *voz social* (as sínteses discursivas que estão no mundo do autor e com a qual ele dialoga); a *voz do eu* (a projeção da voz social dentro da voz do autor); a *voz do destinatário* (aquela para a qual o enunciado se destina); a *voz do superdestinatário* (aquela com a qual o autor está comprometido).

Análise em curso

Nacionalista ao extremo, José Veríssimo tinha orgulho de raça, mas reticências quanto aos modos de viver e ver o mundo do brasileiro e do índio. Do brasileiro, clamava por uma postura ética e moral mais rigorosa. Do índio, ressaltava seus traços degenerescentes. Essas, digamos, “constatações” aproximavam Veríssimo da educação, que, para ele, teria a capacidade de alterar esses estados. Como paraense, fazia questão de ressaltar que o norte, a Amazônia especificamente, era o espaço mais índio do território nacional e que por isso carecia de maiores cuidados em termos de políticas públicas. O naturalismo e o evolucionismo, tão presentes em Veríssimo, fizeram dele um escritor de um equilíbrio singular. Ele defendia as origens índias do brasileiro ao tempo em que defendia uma formação brasileira civilizatória, pautada na ética e em valores morais da vida moderna. Essas duas visões aproximavam Veríssimo de uma forte compreensão evolucionista do mundo.

Ao se constituir em crítico literário preocupado com o universo antro-po-sociológico do povo brasileiro, Veríssimo traz à cena uma verdadeira etnografia da vida brasileira, principalmente do amazônica. Por meio de sua própria produção literária, principalmente através do livro “*Scenas da Vida Amazônica*” (1886), descreve o universo representacional do homem brasileiro do norte e, a partir daí, vai pensar sobre o poder da educação em manter o que há de bom nesse universo e transformar para o bem o que há de ruim. Veríssimo, influenciado pelo pensamento positivista, cria na ação regeneradora e reparadora da educação, que, do seu ponto de vista, poderia garantir o progresso e consolidação do processo civilizatório das populações brasileiras. Pela educação, Veríssimo vislumbrava mudanças sociais profundas na estrutura de sentimento do brasileiro, tão marcado por aquilo que ele considerava “vícios de seus naturais”.

Apesar de toda crítica aos traços originais dos índios e dos negros, Veríssimo não poupa os civilizados e acusa o processo histórico de colonização responsável pelo estado degenerescente do povo brasileiro, principalmente do amazônida. O problema da mestiçagem na Amazônia não estava nela mesma, mas no modo como as relações sociais foram sendo construídas no curso da colonização. Para ele os “estragos” provocados pela mestiçagem decorreram do meio e das *condições sociais, políticas e religiosas em que se deram os cruzamentos*. E um dos grandes problemas presentes nessas condições era a educação, ou melhor, a ausência de educação. À educação caberia a função de livrar a sociedade brasileira do atraso intelectual, da desvirtuação moral e da produção material artesanal. É a crença nesse poder que faz José Veríssimo insistir em um projeto de educação nacional pública, pois para ele era preciso formar o brasileiro – um homem corretamente preparado, reto e íntegro.

Do ponto de vista educacional, a diversidade étnica era, para Veríssimo, um problema a ser enfrentado. Ao propor uma educação nacional, José Veríssimo discute uma questão que para ele era elementar: a unidade de pensamento, de moral, de caráter e de religião. Para Veríssimo, a diversidade racial inviabilizava o desenvolvimento de um sentimento nacional. Ao estudar a sociedade estadunidense, Veríssimo se entusiasmava com o espírito nacionalista do Norte Americano e era esse sentimento que queria ver brotar no Brasil. A ausência de orgulho patriótico no povo brasileiro era um problema, segundo Veríssimo. Um povo forte teria, na sua perspectiva, que primar por um orgulho de nação e isto só poderia ser plantado entre nós através da educação. Esta idéia está fortemente presente nos escritos de “Educação Nacional” quando Veríssimo critica os isolamentos dos brasileiros e aquilo que ele chamou de sentimento local, isto é, o orgulho de ser “baiano”, “carioca”, “paulista”, “paraense” etc. Para Veríssimo isto constituiu em nós um estreito provincianismo que deveria ser superado por um forte sentimento pátrio.

Esse era o mote da crítica de Veríssimo à instrução pública no Brasil. Ele dizia que o modelo brasileiro de educação jamais procurou ter uma função de integração do espírito nacional e é a ausência desse teor nacional que, na sua concepção, inviabilizou a formação de uma cultura brasileira.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **José Veríssimo**: biografia. Disponível em: www.bn.br.

Acesso em: 11 de setembro de 2003.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque & BRITTO, Jader de Medeiros (Org.).

Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos nossos dias. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ/MEC-Inep, 1999.

VERÍSSIMO, José. **Educação Nacional**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1906.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**:1780-1950. São Paulo, Editora Nacional,1969.

**CULTURA E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE JOSÉ VERÍSSIMO:
APONTAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA DISCRIMINAÇÃO E DO
PRECONCEITO ÉTNICO NO BRASIL**

Identificação do autor e da instituição

Caracterização do Problema de Pesquisa (resumo)

Referencial Teórico Metodológico (resumo)

Análise em Curso (resumo)

Referências

